

Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional

Contributo para o estudo da arquitectura vernácula da região oriental da serra do Caldeirão



Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional | Contributo para o estudo da arquitectura vernácula da região oriental da serra do Caldeirão



Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional Contributo para o estudo da arquitectura vernácula da região oriental da serra do Caldeirão

GTAA Sotavento

Gabinete Técnico de Apoio às Aldeias do Sotavento

Câmara Municipal de Alcoutim

Câmara Municipal de Castro Marim

CCDRAlgarve

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve

Câmara Municipal de Tavira

Câmara Municipal de Vila Real de Santo António

PROAlgarve

Programa Operacional Regional do Algarve

FEDER

Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

Agradecimentos

A todos os que possibilitaram a elaboração da presente publicação, quer durante os levantamentos e a recolha e registo de testemunhos, ao longo do ano de 2007, quer ao longo dos anos anteriores desde a criação do GTAA Sotavento em 2001. Ao Arq. Miguel Reimão Costa, ao Prof. José Aguiar, à Arq.^a Teresa Valente, à Dr.^a Catarina Oliveira, à Eng.^a Maria Goreti Margalha, ao Dr. Hélder Pereira, à Arq.^a Pais. Sílvia Caiado, ao Arq. Pais. José Manuel Conceição, ao Dr. José Manuel Baptista Rosa e à Lic. em Agronomia Rosália Almeida pelo apoio na revisão dos textos. Ao Hélder Oliveira, pela cedência das fotos assinaladas. E, muito em especial, a todos os habitantes e velhos artífices dos montes visitados que contribuíram com os seus conhecimentos, artes e saberes e se dispuseram a transmiti-los ao longo de muitas horas de conversa: à D. Antonieta, de Santa Rita (Vila Real de Santo António); ao Sr. António Faísca e ao Sr. Henrique Martins Teixeira, do Fernandilho (Alcoutim); ao Sr. António Xavier, da Fonte do Corcho (Tavira); ao Sr. António e à D. Maria Antónia, das Cortes Pereiras (Alcoutim); à D. Arminda e ao seu marido, do Serro da Vinha de Baixo (Alcoutim); ao Sr. Arnaldo Manuel Mestre, do Pessegueiro (Alcoutim); à D. Beatriz dos Santos e ao Sr. Manuel Custódio, do Monte da Estrada (Alcoutim); à D. Catarina Costa Guerreiro, da Casa Nova (Alcoutim); à D. Cezaltina Maria Rodrigues, da Valeira (Tavira); ao Sr. Custódio Campos, de Cachopo (Tavira); à D. Emília, ao Sr. Hermínio Guerreiro e ao Sr. José Joaquim,

do Zorrinho de Cima (Alcoutim); à D. Gracinda Maria, à D. Maria Antónia e à D. Maria Inácio, das Taipas (Alcoutim); ao Sr. João Marta, de Vaqueiros (Alcoutim); ao Sr. João Vidal, de Julião (Tavira); ao Sr. Joaquim Custódio Guerreiro, da Luz de Tavira (Tavira); à D. Joaquina Custódia, do Coito (Alcoutim); ao Sr. José António Nogueira Aquilino, de Castro Marim; ao Sr. José Baptista Magro Marçal e ao Sr. Liodoro Zica Magro, do Livramento (Tavira); ao Sr. José António Palma, ao Sr. José Viegas e ao Sr. Manuel Joaquim Rodrigues, das Alcarías Pedro Guerreiro (Tavira); ao Sr. José Lopes, à D. Maria da Conceição Simão e à D. Mariana, da Mealha (Tavira); ao Sr. José Luís e à sua esposa, de Tacões (Alcoutim); ao Sr. José Palma Costa, do Calicho (Vila Real de Santo António); ao Sr. José Teixeira, das Ferrarias (Alcoutim); à D. Laurinda, das Madeiras (Alcoutim); ao Sr. Manuel Afonso, Fonte do Bispo (Tavira); ao Sr. Manuel Brito, do Silgado (Alcoutim); ao Sr. Manuel Jesus Viegas e à sua esposa, da Espartosa (Tavira); ao Sr. Manuel José Fernandes, de Vila Real de Santo António; à D. Maria Gonçalves Rodrigues Lopes e à D. Maria José Marta, das Mestras (Alcoutim); ao Sr. Pedro Rodrigues, do Torneiro (Alcoutim); e a vários outros habitantes não identificados de Carne Cerva (Tavira), Cortes Pereiras, Monte do Vascão, Santa Marta, Serro da Vinha de Baixo, Torneiro, Vaqueiros e Zorrinho de Baixo (Alcoutim).

Concepção geral	GTAA Sotavento	
Coordenação geral	Vítor Ribeiro	
Autoria textos, desenhos e selecção das fotos	Alexandre Miguel Costa	Materiais de origem mineral: o xisto Alvenarias Pavimentos Exemplos de aplicação prática: a experiência do GTAA Sotavento
	Marta Almeida	Materiais de origem mineral: o barro Materiais de origem vegetal Coberturas cónicas Construções com materiais de origem vegetal: a cabana e a serra
	Marta Santos	Materiais de origem mineral: a cal Materiais de origem mineral: os pigmentos Chaminés Argamassas e revestimentos Telheiros Fornos de cal
	Miguel Reimão Costa	Antes ainda dos processos construtivos tradicionais: uma introdução breve ao estudo dos montes da serra do Caldeirão
	Vítor Ribeiro	Introdução Património rural: origens e âmbito do conceito Enquadramento territorial Contributo para o estudo da arquitectura vernácula da região oriental da serra do Caldeirão Coberturas definidas por planos inclinados Caixilharias Moinhos de água Moinhos de vento Fornos de pão e fornalhas Poços
Fotografia¹	Stefano Malobbia	
	¹ excepto outros autores indicados em legenda: Alexandre Miguel Costa, António Carvalho, Cristina Parreira, Filipa Morna, Hélder Oliveira, Inês Faleiro, Marta Almeida, Marta Santos, Miguel Reimão Costa, Sílvia Bento, Vítor Ribeiro e GTAA Sotavento (autores não identificados).	
Projecto gráfico e paginação	Stefano Malobbia	
Trabalho de campo Recolha, registo e sistematização de testemunhos orais (2007)	Marta Santos (coordenação) Marta Almeida	

Pesquisa e levantamentos diversos não
orientados à execução da publicação
(2001-2007)

Equipa técnica GTAA Sotavento:
coordenação
Miguel Reimão Costa (2001-2004)
Vítor Ribeiro (2005-2007)
arquitectura
Alexandre Miguel Costa (2001-2007)
Marta Santos (2007)
Miguel Reimão Costa (2001-2004)
Vítor Ribeiro (2001-2007)
Eugénia Teixeira (estagiária, 2005)
paisagismo
Ângela Santos (2001-2003)
Marta Almeida (2004-2007)
Sílvia Caiado (2001-2003)
Luís Loures (estagiário, 2005)

engenharia civil
Adélia Salvador (2001-2004)
Sílvia Bento (2005-2006)
engenharia electrotécnica
Pedro Ferreira (2005-2006)
Rui Pereira (2001-2003)
medições e orçamentos
Fábio Cabrita (2004-2005)
Marta Gonçalves (2006-2007)
Paulo Silva (2001-2003)
Cândida Azinheira (estagiária, 2006)
design e projecto gráfico
Stefano Malobbia (2001-2007)

Índice

6	Apresentação	94	Chaminés
8	Prólogo	104	Argamassas e revestimentos
10	Introdução	104	Argamassas de assentamento e de revestimento
14	Património rural: origens e âmbito do conceito	109	Revestimentos
18	Enquadramento territorial	111	Barramentos
24	Antes ainda dos processos construtivos tradicionais: uma introdução breve ao estudo dos montes da serra do Caldeirão	113	Fingidos, marmoreados e pinturas decorativas
30	Contributo para o estudo da arquitectura vernácula da região oriental da serra do Caldeirão	115	Esgrafito e grafito
36	Capítulo 1	116	Trabalhos de massa
	Materiais de construção tradicional		Caições e pinturas
	Materiais de origem mineral	118	Caixilharias
38	○ xisto	134	Capítulo 3
41	○ barro		Arquitecturas produtivas e elementos singulares
45	A cal	136	Moinhos de água
49	Os pigmentos	148	Moinhos de vento
	Materiais de origem vegetal	164	Construções com materiais de origem vegetal: a cabana e a serra
52	O material vegetal como recurso na construção tradicional da região oriental da serra do Caldeirão	170	Telheiros
54	Escolha, época de recolha, preparação e aplicação do material vegetal	178	Fornos de cal
55	As madeiras	184	Fornos de pão e fornalhas
57	As varas ou ripas	188	Poços
58	Os feixes de vegetação	192	Capítulo 4
60	Os elementos de atar		Exemplos de aplicação prática: a experiência do GTAA Sotavento
62	Capítulo 2	194	Execução de alvenarias de xisto
	Sistemas e técnicas de construção tradicional	208	Execução de calçadas de xisto
	Alvenarias	218	Execução de argamassas de cal
64	Alvenarias de xisto	224	Índices remissivo e geográfico
70	Taipa	226	Glossário
74	Adobes, tijolos e tabiques	228	Fontes orais
78	Pavimentos	230	Bibliografia
	Coberturas		
82	Coberturas definidas por planos inclinados		
85	Coberturas cónicas		

Apresentação

João Varejão Faria
Presidente da CCDR Algarve

Numa época em que os processos de globalização contribuem poderosamente para uma homogeneização cultural insípida e banalizadora, o resgate ao esquecimento dos elementos, artes, saberes e ofícios associados ao património vernáculo é uma peça essencial que nos vincula ao nosso passado e que faz luz sobre a nossa identidade.

É este o sentido de iniciativas como a que aqui se apresenta e que, numa região como a nossa em que o turismo se assume como principal motor económico, ganham um interesse particular.

Os processos de desenvolvimento dos últimos 30/40 anos têm estado associados à desertificação humana e ao abandono das formas tradicionais de ocupação e uso do solo, em particular no interior, implicando profundas alterações das paisagens urbanas e rurais, com perdas irreversíveis de parte significativa do património vernáculo da região. Esta perda respeita não só aos elementos construídos mas também, e de forma ainda mais dramática, aos saberes que lhes estavam associados e que constituem um rico património imaterial, ameaçado de desaparecimento à medida que vão também desaparecendo os últimos artífices ainda vivos.

Parte integrante de um longo caminho a percorrer no sentido da salvaguarda e conservação patrimonial, a presente publicação constitui um contributo para a identificação, levantamento e registo dos elementos do património vernáculo construído da região algarvia, num esforço geograficamente limitado mas que, a par de outras iniciativas que têm sido levadas a cabo, se espera constitua mote para outras acções futuras. Até porque, associados à consciência da necessidade de promoção de uma construção sustentável, os materiais e as técnicas de construção tradicional ainda estão a tempo de ter, para além do passado que já foi o seu, o futuro que merecem.

O nosso propósito é pois, não só contribuir para o estudo e divulgação genéricos do património vernáculo, mas também proporcionar um instrumento didáctico e pedagógico que possa servir de apoio a operações de reabilitação do edificado. Procura-se assim atingir um público mais alargado e abrangente, que inclua não só técnicos e investigadores, mas também o cidadão comum que muitas vezes se vê a braços com a difícil tarefa de recuperar a velha habitação familiar e já não sabe como, nem encontra já artífices e operários que lhe dêem as respostas adequadas.

Preserva-se melhor e com mais entusiasmo aquilo de que se gosta e só se gosta daquilo que se conhece. É nesta cadeia, do conhecimento, do gosto e da acção, que procurámos dar um contributo.

Mapa Algarve Baixas Densidades e rede viária estruturante

■ Áreas de Baixa Densidade

■ Aldeias do Barlavento

Carrapateira, concelho de Aljezur
 Budens, concelho de Vila do Bispo
 Caldas de Monchique, concelho de Monchique
 São Marcos da Serra, concelho de Silves
 Paderne, concelho de Albufeira
 Querença, concelho de Loulé
 Estoi, concelho de Faro

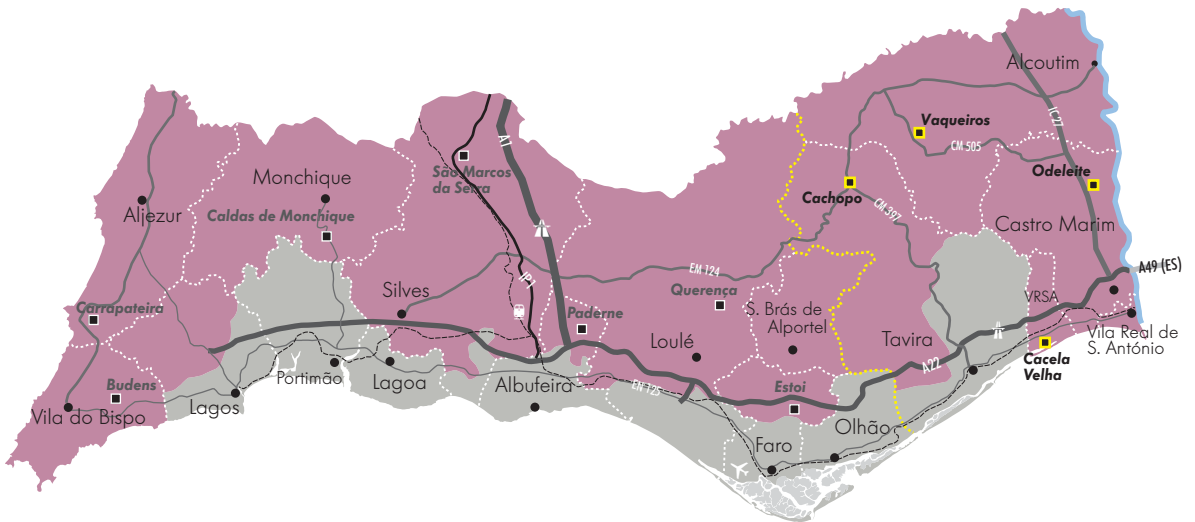
■ Aldeias do Sotavento

Cachopo, concelho de Tavira
 Vaqueiros, concelho de Alcoutim
 Odeleite, concelho de Castro Marim
 Caceia Velha, concelho de Vila Real de Santo António

● sedes de concelho

■■■■ Limite Aldeias Barlavento/Aldeias Sotavento

■■■■ Limite de concelho



• 25 km •

Prólogo

José Aguiar

Arquitecto, Professor Associado da Faculdade de Arquitectura da UTL
Presidente do ICOMOS-Portugal
(International Council on Monuments and Sites)

Apesar das tremendas transformações dos finais do século XX, existem ainda, na Serra e no Barrocal do Algarve, conjuntos de arquitectura vernácula verdadeiramente notáveis. Mas morrem hoje, pouco a pouco, muitas destas casas e os homens que as construíram.

Desaparecem as pedras antigas na voragem da nova construção, ou das pseudo-adaptações para novas moradias de gostos quase suburbanos (daqui ou do resto da Europa), e também partem os homens, sem deixar testemunho de como construíram o seu lugar neste pedaço do mundo algarvio, ainda tão pouco conhecido e publicado.

As arquitecturas vernáculas (históricas e pré-industriais) e os saberes que lhes deram origem – que aqui se registam – construíam-se baseadas na repetição de soluções afinadas pelo tempo. Com as tecnologias possíveis (de uma economia demasiado pobre) e materiais locais, criaram-se lugares reconhecíveis como tal, que se adossaram cuidadosamente aos contextos dos homens, ou dos sítios.

Arquitecturas domésticas e unidades produtivas, de um tempo mais sustentável, de quem ainda sabia como lidar, tirando partido, dos nossos, tão poucos, recursos (terra, pedras, alguma madeira e pouco mais). A tradição guiava o saber fazer, afinando técnicas milenares. Quase todos eram artesãos, mas havia artesãos que se tornavam Mestres.

Os resultados técnicos e estéticos destes saberes e destas práticas eram notáveis enquanto o executante se mantivesse dentro do quadro de experiências já experimentadas, afinadas no tempo. Mas o inverso não é verdadeiro: quando o artesão começou(a) a inventar, tentando a criação, o mais das vezes sucedeu (sucede) a desgraça (do *kitsch*).

Impreparado para lidar com as inúmeras possibilidades de escolha do novo universo tecnológico (quando em vez do ocre ou do almagre tem de seleccionar milhões de colorações possíveis), desterrando-se da sua própria cultura, acontece ao artesão transvestido em *designer* produzir maus desenhos de atrozes resultados estéticos (os que vemos demasiadamente nas feiras de artesanato).

Mas, num paradoxo curioso, os criadores certificados como tal (i.e. os projectistas, sejam eles licenciados em arquitectura, ou não), os que hoje formamos para poderem fazer escolhas conscientes perante a atomização das soluções possíveis, desconhecem e abandonaram, também eles, os antigos saberes, as lógicas das culturas locais e pré-modernas. Assim, quando restauram ou reabilitam, por desconhecimento, também estes produzem projectos e recorrem a materiais e tecnologias contemporâneas que são desadequadas à conservação da materialidade original de objectos que hoje já classificamos como “património”.

Na verdade, apenas na última década algumas Universidades portuguesas começaram a incluir nos seus planos de estudo (sobretudo nas pós-graduações) os saberes científicos necessários à actividade do restauro e da reabilitação arquitectural. Este livro é, ele próprio, um claro testemunho da gradual mudança de paradigma (o reforço da sensibilidade para com o ambiente e para com a importância dos saberes históricos e da própria História) que hoje ocorre na Arquitectura ou na Engenharia, e será – sei-o bem – um instrumento da pedagogia que importa reforçar.

Tanto para um – ao artesão interessado em continuar a actuar “dentro” da tradição – como para o outro – o arquitecto, ou o engenheiro interessado em conseguir bons restauros ou reabilitações mais atentas e cuidadosas – interessa muito o condensado de recolhas sobre as antigas práticas da construção que aqui e agora se publicam.

Este livro é um trabalho, verdadeiramente notável, de investigação aplicada. Foi produzido por arquitectos de uma nova geração, muito mais atenta e consciente do que as anteriores (como a minha), sobretudo quanto aos desafios ecológicos e culturais, da conservação das boas memórias aos impactos ambientais, que hoje temos de defrontar.

Alguns destes jovens autores possuem já no seu currículo a colaboração em outras edições de intenção similar, e revelaram uma enorme generosidade ao terem organizado, ou colaborado, em múltiplos eventos de divulgação deste património intangível, destes antigos saberes e práticas construtivas tão fundamentais hoje como amanhã para a adequada conservação do património cultural português.

Parece-me que esta investigação, este estudo colectivo, ocorre também em consequência de um vasto programa de estudo e planificação que procurava potenciar – tanto quanto salvaguardar – o património urbanístico, arquitectónico e paisagístico (património cultural portanto) do Algarve. Na nossa democracia, ainda tão imperfeita no que se refere à boa gestão do património territorial e cultural, sei que muitas vezes estes grandes programas acabam por se esvaír num generalismo de boas intenções, rapidamente esquecidas perante a excessiva interferência de interesses, ou idiosincrasias, políticas e/ou excessivamente particulares.

Mas se o resto for perdido, o ter conseguido realizar esta recolha e, agora, publicá-la parece-me ser, já de si, um extraordinário serviço prestado à conservação. O conhecimento dos valores patrimoniais e a sua divulgação têm por vezes mais força do que as Leis.

Os saberes aqui registados, que inevitavelmente se iriam perder, são hoje e amanhã verdadeiramente preciosos. Conseguiu-se aqui uma das mais difíceis tarefas de hoje: vencer o esquecimento, propagando a memória no tempo. É sinto que, dentro de algumas décadas, depois do nosso próprio desaparecimento, este livro terá leitores surpresos, que se irão sentir reconfortados, porque travam os mesmíssimos combates (que hoje travamos), contra a mesma indiferença perante a memória. Mentos que continuam a procurar resposta para as mesmas eternas perguntas que aqui nos agitam: quem somos e como fomos no que fizemos?

Perceber como habitamos, organizamos e fizemos nosso este território, para continuar a “ser” e poder “habitar”, tomando posse inteira e plena deste nosso pequeníssimo pedaço do mundo. Eis, como português, um desafio que parece eternamente valer a pena.

Antes ainda dos processos construtivos tradicionais: uma introdução breve ao estudo dos montes da serra do Caldeirão

Miguel Reimão Costa

Arquitecto, bolsheiro de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia mediante co-financiamento POCI 2010 e FSE.
Coordenador do Gtaa-Sotavento entre o início de 2001 e o final de 2004.

A serra do Caldeirão, como serra de xisto sulcada pela erosão antiga, estende-se em grande parte da sua superfície em montículos apertados até onde a vista alcança. Constitui, no que diz respeito às actividades agrícolas e de criação de animais, uma paisagem da exiguidade ocupada por inúmeros aglomerados de pequena dimensão onde se concentram, no interior de um perímetro bem marcado, algumas unidades ou poucas dezenas de fogos. Nas zonas mais afastadas do Baixo Algarve, este povoamento de pequenos aglomerados é polarizado por aldeias sede de freguesia que, nalguns casos, nem assim se distinguem consideravelmente dos outros povoados.

Na região do Algarve, os limites deste padrão coincidem, a traço largo, com o perímetro da própria serra do Caldeirão, cessando para sul na faixa do triássico que marca a transição para o barrocal ou para o litoral e desaparecendo para poente na aproximação à portela de São Marcos, passagem natural que demarca esta das serranias ocidentais de Monchique e de Espinhaço de Cão. Já para norte, os mesmos pequenos aglomerados persistem na peneplanície do Baixo Alentejo onde, ainda no limite norte do concelho de Mértola, poderemos ser surpreendidos em lugares como o Mosteiro, pelas semelhanças com os povoados serranos, pese embora a taipa tome ali o lugar da alvenaria de xisto como material prevalecente na execução das paredes-mestras das diferentes construções.

Aos povoados da Serra designam os seus habitantes por **montes**, termo que retomaremos no presente estudo, ainda que as suas características os distingam dos assentamentos das herdades do Alentejo a que o nome aparece mais vezes associado. O monte constitui a unidade de base de povoamento nas diferentes regiões onde esta designação se tornou comum. Corresponde, regra geral, a uma edificação ou um conjunto de edificações associadas a uma mesma exploração agrícola, como ocorre do Baixo Algarve às serras a ocidente, ou do Alentejo à serra de Aracena, na região vizinha espanhola da Andaluzia.

Serra do Caldeirão. Cortelha de Baixo, Tavira. fotografia Miguel Reimão Costa



Mas este termo poderá reportar-se também – e não apenas na serra do Caldeirão – a um pequeno agregado de várias habitações de proprietários indiferenciados, cobrindo assim um leque diversificado de assentamentos. Na região alentejana, mesmo quando os montes constituíam a sede de uma herdade, albergando várias famílias entre lavradores e assalariados e diversas dependências agropecuárias, adquiriam uma organização completamente distinta da que é possível reconhecer nos montes serranos, podendo-se, de algum modo, vincular a escala da arquitectura à caracterização dos primeiros e a escala do urbanismo à caracterização dos segundos.

Ainda que em ambos os casos se reconheça o monte como resultado de uma sucessão de intervenções que poderão marcar a ocupação do mesmo lugar ao longo de um número significativo de gerações, nas herdades alentejanas está frequentemente subjacente uma lógica de organização global, ausente da maior parte dos assentamentos do Caldeirão. De facto, os montes da Serra correspondem, na sua grande maioria, a aglomerados formados por vários conjuntos edificados próximos que albergam os espaços pertencentes a núcleos familiares distintos. São, muitas vezes, montes de pequenos proprietários, implantados ao centro de uma área de recursos muito compartimentada onde a maior parte das parcelas adquire dimensões exíguas, como é especialmente frequente nas hortas dispostas ao longo das ribeiras ou nas cercas e nos ferragiais correspondentes, tantas vezes, às melhores terras de sequeiro junto às quais o assentamento se implantou.

De um modo geral, estes aglomerados são caracterizados pelo processo de sucessiva agregação de células edificadas que correspondem, quase sempre – especialmente na zona do Baixo Guadiana – a uma construção de uma só vertente com dimensões bastante variáveis. Cada uma destas células, preservando uma acepção antiga do termo, é designada localmente por *casa*. Ainda que o número de casas afecto a cada uma das famílias residente no monte fosse variável, a habitação resultava com significativa frequência da composição de uma **casa de fora** (como casa de entrada) e de uma **casa de dentro** (quase sempre sem iluminação natural), podendo qualquer uma das duas servir de **casa de fogo** (que, em muitos casos, constituía também uma construção apartada). À generalidade das habitações juntava-se, atestando a condição predominante do proprietário da pequena exploração, uma **ramada** (designação local para o estábulo) e um **palheiro** que, por vezes, correspondia a uma construção de planta circular e cobertura cónica de colmo. A importância que cada uma das casas poderia adquirir enquanto unidade autónoma e os sucessivos processos de redistribuição destas construções, especialmente com os parcelamentos por herança, convertiam frequentemente os imóveis pertença de um mesmo núcleo familiar num conjunto de casas dispersas pelo monte, acentuando a dimensão doméstica do espaço exterior que, para além de ser marcado pela presença do **forno** e, por vezes, da **fornalha**, poderia servir também como espaço de ligação entre diferentes compartimentos da habitação mais ou menos afastados.

Monte do Telheiro, Tavira. fotografia Miguel Reimão Costa





em cima

Beliche de Cima, Tavira.
fotografia Hélder Oliveira

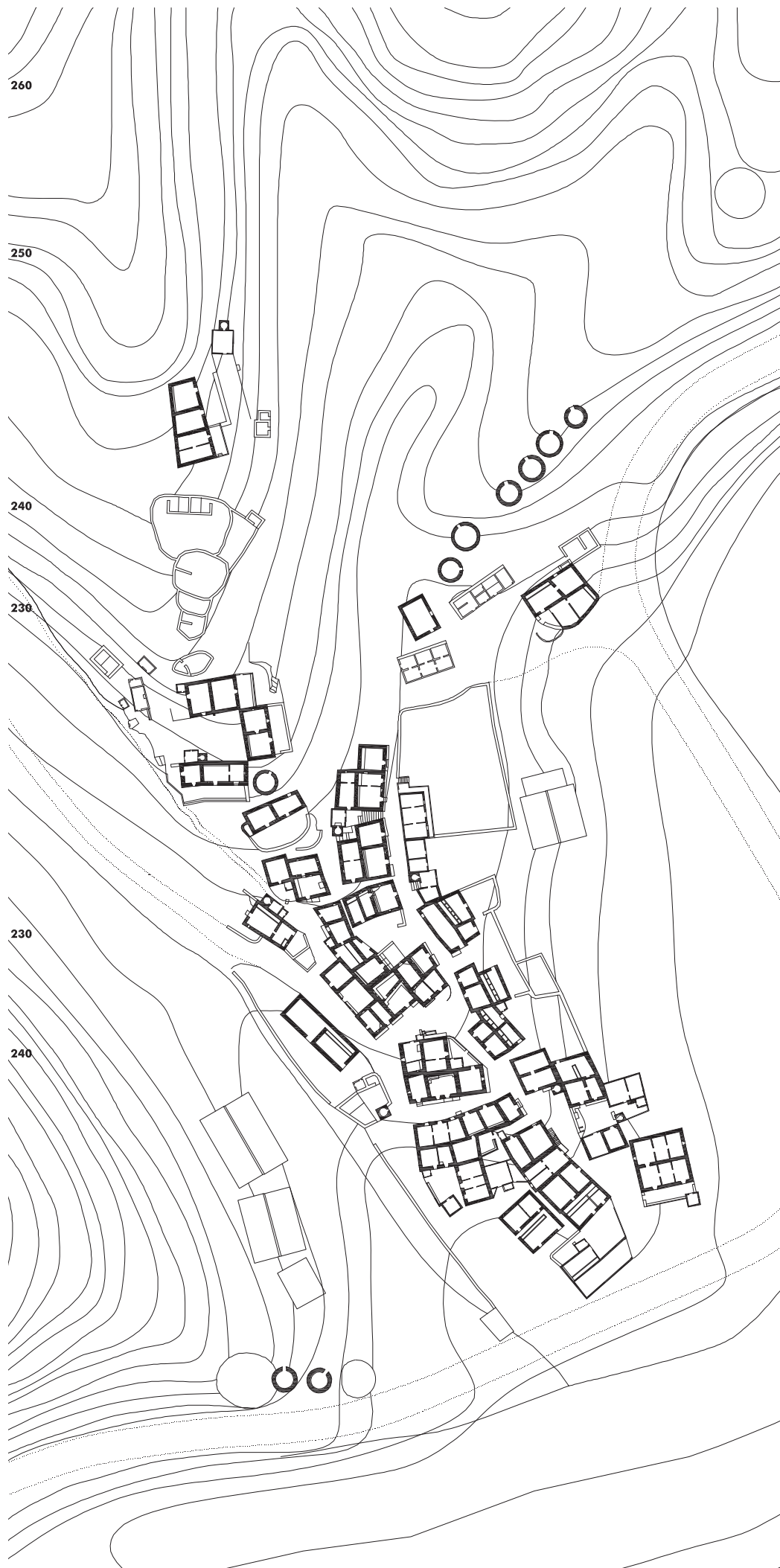
Beliche de Cima constitui um dos inúmeros exemplos que se integram na descrição genérica que fizemos dos assentamentos serranos. As construções do monte encontram-se implantadas no interior de um perímetro bem delineado que marca a transição entre a zona aplanada do festo, a cota mais alta, e as zonas agrícolas mais produtivas associadas à ribeira de Beliche. Os diferentes conjuntos edificados resultam da composição de várias células que configuram uma organização circunstancial dos planos da cobertura. Como é comum na generalidade dos aglomerados de estrutura idêntica, cada um destes conjuntos não está afecto a um mesmo núcleo familiar correspondendo à composição intrincada de casas de diferentes proprietários.

Uma organização semelhante à que se pode observar em Beliche de Cima aparece fundamentalmente em montes que provêm do Antigo Regime. Na realidade, a maioria dos assentamentos que hoje encontramos neste território existia já em meados de setecentos e grande parte deles corresponderá aos casais dispersos pela Serra referidos em diferentes fontes para o início do período moderno. Sobre esta rede, mais ou menos densa, de casais de um ou poucos fogos, adquirirão preponderância alguns aglomerados maiores que, em certos casos, constituem as sedes de freguesia marcadas pela presença da Igreja, quase sempre construída ou transformada durante o século de quinhentos. Em meados do séc. XVIII, as Memórias Paroquias permitem verificar – nos casos em que os curas identificam o número de fogos e os montes então existentes na sua freguesia – a consolidação deste modelo associado a uma maior concentração do povoamento. Se o aumento do número de fogos por monte provêm das centúrias anteriores, acabará também por se acentuar até ao início da segunda metade do século passado, num período caracterizado por um crescimento demográfico significativo e pelo abandono de uma parte dos assentamentos de menor dimensão.

página 27

Beliche de Cima, Tavira. Planta geral à escala 1:1000.

Autoria do levantamento e desenho:
equipa técnica de levantamento e registo do livro
Património rural construído do Baixo Guadiana.
Castro Marim: Odiana, 2004





Ainda que muitos dos montes da Serra correspondam, como vimos, a montes de proprietários de pequenas explorações, a grande propriedade não está, no entanto, ausente deste território. À excepção da serra de Tavira, marcada pelo célebre episódio de cedência das terras aos colonos que as exploravam ao tempo do Rei D. José, em todas as restantes subunidades territoriais se encontram, com maior ou menor frequência, os montes de lavrador associados à grande propriedade. Estas explorações descendem, na maior parte dos casos, das herdades que, durante o Antigo Regime, se encontravam emprazadas, ocupando vastas extensões da superfície serrana. Com o advento do Liberalismo e com as transformações concernentes do regime predial (aqui ainda pouco estudadas) acabaria por se consolidar a figura do lavrador proprietário e residente na Serra. Este processo dará início a um período de significativas transformações nos conjuntos edificados ligados às maiores propriedades, que se poderão acentuar, mais tarde, com os melhores anos da cortiça (na zona ocidental) ou dos cereais (em toda a Serra).



de cima para baixo

Laborato, Alcoutim.
fotografia Miguel Reimão Costa

Montinho da Revelada, Alcoutim.
fotografia Miguel Reimão Costa

A estratégia de assento da **casa do lavrador** compreenderá, durante este processo, diferentes soluções. Em muitos casos privilegiar-se-á a permanência no mesmo conjunto que conformara os montes das herdades do Antigo Regime como ocorreu, por exemplo, em **Alcaria Alta** (Tavira). Também com relativa frequência as casas de lavrador integrarão os aglomerados de maior dimensão (montes ou aldeias) coexistindo com os conjuntos edificados dos pequenos proprietários, ainda que ocupando frequentemente uma posição periférica, como acontece, por exemplo, no **Laborato** (Alcoutim). Mais raramente resultará num processo de realocização associado à escolha de um lugar diferente e ao aparecimento de um novo monte que poderá traduzir uma nova centralidade, como a que decorre da associação ou do parcelamento das herdades de maior dimensão. Tome-se, neste último caso, o exemplo do **Montinho da Revelada** (Alcoutim) como um novo monte onde se assistirá à sucessiva construção de fogos junto ao conjunto original da segunda metade de oitocentos. Durante este período as grandes herdades serão, em muitos casos, sucessivamente repartidas, ao mesmo tempo que, em redor da casa mãe, surgirão frequentemente as novas habitações dos lavradores descendentes, que configurarão o processo de crescimento de muitos aglomerados, como ocorre nos **Estevais** com as habitações que ladeiam, a nascente e a poente, o conjunto sede do monte.

Do ponto de vista da arquitectura, este processo aparecerá associado à progressiva prevalência da edificação apartada ou em linha de planta rectangular com cobertura de duas águas e parede de cumeeira. Com esta morfologia, o princípio aditivo de construção da habitação, privilegiado até então, dará lugar a uma lógica partitiva associada a uma edificação de maior área posteriormente compartimentada através de paredes divisórias. Na generalidade dos montes, estas duas concepções coexistem registando a sua transformação. É o que ocorre, por exemplo, com a habitação central dos Estevais, em que a construção de uma nova edificação integra no tardoz parte das células do conjunto edificado preexistente. Até então é fundamentalmente ao nível do número superior de cômodos, da presença mais constante do sobrado e da maior dimensão das dependências agropecuárias, que os conjuntos edificados dos lavradores se diferenciarão das habitações dos pequenos proprietários. Por vezes, a sua presença não se distingue das restantes habitações do monte onde se integra e com as quais partilha o esquema de organização espacial, a pose atarracada, a ausência ou quase ausência de janelas ou os sistemas construtivos empregues.



Beliche, Castro Marim.
fotografia Miguel Reimão Costa

Será através da habitação do lavrador que, a partir do início do séc. XX, se acentuará a influência, sobre estes conjuntos, de modelos provenientes do exterior e, em especial, do Algarve meridional. A arquitectura da Serra não ficará imune à generalização da **casa de fachada**, de vãos emoldurados e cornija ou platibanda, soco e pilastras e chaminé rendilhada num segundo plano, que caracteriza a transformação da arquitectura rural do Baixo Algarve, fundamentalmente a partir do início do último quartel do séc. XIX. Será este modelo que enfatizará, num primeiro tempo, a distinção entre a habitação do lavrador e do pequeno proprietário, acabando por se generalizar, num segundo tempo, a muitas das novas edificações serranas. Esta influência é perceptível ao nível da organização interna, da generalização da cobertura de duas águas com parede de cumeeira, da evidente preocupação compositiva na disposição dos vãos na fachada ou na presença da chaminé, até então, praticamente ausente deste território. Em qualquer caso, salvo raras excepções, a habitação manter-se-á significativamente despojada quando comparada aos conjuntos coevos do Baixo Algarve, preservando assim uma das características mais constantes desta arquitectura relacionada com a exiguidade de recursos que sempre marcou a vida na Serra. É, de certo modo, desta condição que darão conta os diversos testemunhos orais transcritos nas páginas que se seguem. E é também a partir dela que fará, talvez, sentido proceder à aproximação ao objecto de estudo da presente publicação e ao estudo dos materiais e dos sistemas construtivos tradicionais da arquitectura serrana.





Estevais, Tavira.



Estevais, Tavira. Planta geral à escala 1:1000.
Autoria do levantamento e desenho: GTAA
Sotavento



Bibliografia

- AA. VV. – *Arquitectura Popular em Portugal*. 4ª Ed. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004.
- AA. VV. – *Património Rural Construído do Baixo Guadiana*. Castro Marim: Odiana, 2004.
- AGUIAR, José – *Cor e cidade histórica: Estudos cromáticos e conservação do património*. Porto: FAUP, 2002.
- AGUIAR, José – *Programa Integrado de Salvaguarda de Revestimentos e Acabamentos Tradicionais no Centro Histórico*. Évora: Câmara Municipal/ Departamento de Recuperação do Centro Histórico, 2001/2003.
- ALGARVE. Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional – *Programa de Intervenção das Aldeias do Algarve*. Faro: CCRAIlg, 2002/2003. 4 Volumes.
- ALVES, João Emílio – *Sobre o «património rural»: contributos para a clarificação de um conceito*. Cidades, Comunidades e Territórios. Lisboa: ISCTE. N.º 8 (Junho 2005).
- BASTOS, Cristiana – *Os Montes do Nordeste Algarvio*. Lisboa: Edições Cosmos, 1993.
- BRANCO, J. Paz – *Manual do Pedreiro*. Lisboa: LNEC, 1981.
- CABRAL, Francisco Caldeira; TELLES, Gonçalo Ribeiro – *A árvore em Portugal*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.
- CAVACO, Carminda – *O Algarve Oriental. As vilas, o campo e o mar*. Faro: Gabinete do Planeamento da Região do Algarve, 1976. 2 Volumes.
- CHOAY, Françoise – *A alegoria do património*. Lisboa: Edições 70, 2006.
- CONSTRUÇÕES EM XISTO. Tavira: Câmara Municipal/Maggoo Audiovisuais, 2007. 2 vídeos (DVD).
- COSTA, J. V. Botelho de – *Caracterização e constituição do solo*. 1ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.
- DIAS, Alexandra Soveral (coord.); CANDEIAS, António Estevão (coord.); DUARTE, Milene Gil – *Pigmentos e Corantes: entre as artes e as ciências*. Évora: Universidade de Évora – Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Pigmentos e Corantes, 2007.
- DIAS, Jorge; GALHANO, Fernando – *Aparelhos de elevar a água de rega*. 2ª Ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.
- DOWER, Michael – *Um trunfo para o desenvolvimento local: o recurso-património*. LEADER Magazine. Rede Europeia LEADER II. N.º 17, 1998.
- FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Ana – *Arquitectura no Algarve: dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese*. Faro: CCDR Algarve, 2005.
- GALHANO, Fernando e PEREIRA, Benjamim – *Construções Primitivas em Portugal*. 2ª Ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.
- GASPAR, Jorge – *As Regiões Portuguesas*. Lisboa: Direcção-Geral do Desenvolvimento Regional, 1993.
- GOMES, Carlos J. Pinto; FERREIRA, Rodrigo J. P. Paiva – *Flora e Vegetação do Barrocal Algarvio (Tavira – Portimão)*. Faro: CCDRAIlg, 2005.
- GOMES, Celso Figueiredo – *Argilas: aplicações na indústria*. Aveiro: Universidade de Aveiro, Departamento de Geociências, 2002
- GOMES, Celso Figueiredo – *Argilas: o que são e para que servem*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.
- GONÇALVES, Eduardo Brazão – *Dicionário do falar Algarvio*. Lisboa: RTA, 1988.
- KOPP, Erwin – *Os solos do Algarve e as suas características*. Faro: Direcção Regional de Agricultura do Algarve, 1989
- LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel Brito – *Património Arquitectónico e Arqueológico. Cartas, Recomendações e Convenções Internacionais*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.
- MACHADO, José Luís Pinto – *Habitação Rural*. Lisboa: Instituto Fontes Pereira de Melo, 1981.
- MARGALHA, Maria Goreti – *O uso da cal em argamassas no Alentejo*. Évora: [s.n.], 1997. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico da Universidade de Évora.
- MARQUES, José Augusto Maia – *Arquitectura Popular, Ruralidade e Património. A Terra da Maia*. In 2º Congresso Virtual de Antropologia y Arqueologia, 2000
- MARTINS, Jorge A. Reis; MARTINS, Luís F. Reis; MARTINS, Hugo Machado – *Dicionário da Molinologia Mafrense*. Mafra: Câmara Municipal de Mafra, 2005.
- MEDEIROS, Carlos Alberto – *Portugal: esboço breve de geografia humana*. Lisboa: Terra Livre, 1976.
- MESTRE, Victor – *Arquitectura Popular da Madeira*. Lisboa: Argumentum, 2002.
- MOUTINHO, Mário – *A arquitectura popular portuguesa*. 2ª Ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1985.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando – *Arquitectura tradicional portuguesa*. 2ª Ed. Lisboa: Publicações D. Quixote, Lda, 1994.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim – *Construções primitivas em Portugal*. Lisboa: Centro de Estudos de Etnologia, 1969.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim – *Tecnologia Tradicional Portuguesa. Sistemas de Moagem*. Lisboa: INIC Centro de Estudos de Etnologia, 1983.
- OLIVER, Paul – *Dwellings. The Vernacular House World Wide*. New York: Phaidon Press Inc, 2003.
- PAIVA, José Vasconcelos; AGUIAR, José; PINHO, Ana (coord.) – *Guia Técnico de Reabilitação Habitacional*. Lisboa: INH/ LNEC, 2006. 2 Volumes.
- PEETERS, Yvo J. D. – *L'architecture rurale, élément d'équilibre nécessaire d'une politique globale de protection du patrimoine*. Monumentum. Louvain: Conseil International des Monuments et des Sites. Vol. 20-21-22 (1982).
- PESSOA, Fernando Santos – *Algarve: Paisagens e Espaços Naturais*. Faro: CCDR Algarve, 1999.
- PESSOA, Fernando Santos – *Plantas do Algarve com interesse ornamental*. Faro: CCR Algarve/Edições Afrontamento, 2004.
- PINTO, Conceição (coord.) – *Manual de Reabilitação do Património de Faro*. Faro: Câmara Municipal, 1997.
- RAPOSO, Isabel – *Alte na roda do tempo*. Loulé: Casa do Povo de Alte, 1995.
- RAPOSO, Isabel; SILVA, Vanda – *Espaço cultural de Alte. Guia do construtor*. Loulé: Câmara Municipal, 2004.
- RAPOSO, Isabel (coord.) – *Guia de reabilitação e construção. Cidade de Loulé*. Loulé: Câmara Municipal/FAUTL, 2007.
- RIBEIRO, Orlando – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. 7ª Ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1998.
- RIBEIRO, Orlando; LAUSENTACH, Hermann – *Geografia de Portugal*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1989. 3 Volumes.
- RUDOLFSKY, Bernard – *Architecture without architects: a short introduction to non-pedigreed architecture*. London: Academy, 1981.
- RODRIGUES, Maria João Madeira (coord.); SOUSA, Pedro Fialho de; BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira – *Vocabulário técnico e crítico de Arquitectura*. 3ª Ed. Coimbra: Quimera Editores, 2002.
- ROJAS, Ignacio Garate – *Artes de la cal*. Madrid: Instituto Espanhol de Arquitectura/ Universidad de Alcala, 2002.
- ROJAS, Ignacio Garate – *Artes de los yesos: yeserías y estucos*. Madrid: Instituto Espanhol de Arquitectura/Universidad de Alcala, 1999.
- SALEMA, Sofia – *As superfícies arquitectónicas de Évora. O esgrafito: Contributos para a sua salvaguarda*. Évora: [s.n.], 2005. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico da Universidade de Évora.
- TAVARES, Edmundo – *A madeira na construção civil*. 2ª Ed. Lisboa: Barbosa & Xavier, 1980.
- TEIXEIRA, Gabriela de Barbosa; BELÉM, Margarida da Cunha – *Diálogos da Edificação*. Porto: CRAT, 1998.
- VARANDA, Fernando – *Mértola no Alentejo. Tradição e mudança no espaço construído*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.
- VEIGA, Maria do Rosário; AGUIAR, José; SILVA, António Santos; CARVALHO, Fernanda – *Conservação e renovação de revestimentos de paredes de edifícios antigos*. Lisboa: LNEC, 2004.
- VIANA, Pedro (coord.) – *Território, Povoamento, Construção*. Ponte da Barca: ADERE, 1999.

Edições Afrontamento

morada
Rua Costa Cabral, 859
4200-225 Porto

telefone
22 5074220

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve

morada
Praça da Liberdade, 2
8000 Faro

telefone
289 895200

Ficha técnica

titulo	Materiais, sistemas e técnicas tradicionais de construção tradicional Contributo para o estudo da arquitectura vernácula da região oriental da serra do Caldeirão
edição	Edições Afrontamento Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve (CCDRAlg)
design e layout	Stefano Malobbia
coordenação geral	Vitor Ribeiro
concepção	Alexandre Miguel Costa Marta Almeida Marta Santos Stefano Malobbia Vitor Ribeiro
fotografia¹	Stefano Malobbia ¹ excepto outros autores indicados em legenda: Alexandre Miguel Costa, António Carvalho, Cristina Parreira, Filipa Morna, Hélder Oliveira, Inês Faleiro, Marta Almeida, Marta Santos, Miguel Reimão Costa, Sílvia Bento, Vitor Ribeiro e GTAA Sotavento (autores não identificados). fotografia da capa Stefano Malobbia (Cobertura tradicional de caibros de madeira e caniço no interior de casa do fogo. Alcarías Pedro Guerreiro, Alcoutim.)
produção	
impressão e acabamento	Rainho e Neves, Santa Maria da Feira
papel	Magno Matt Sappi 300 e 150 grs.
tiragem	2000 exemplares
copyright	© Edições Afrontamento e CCDR Algarve
isbn	000 - 00000-0-0
depósito legal	00000/08

este livro foi composto em Futura nos cortes
light, medium, 3/4 bold e extrabold